

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

EDUCAÇÃO

CINEMA COM ÁUDIO-DESCRIÇÃO: NARRATIVAS DE JOVENS DEFICIENTES VISUAIS

1 Lucy Anna Diniz (IC-UNIRIO)

1 – Escola de Educação. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio financeiro: UNIRIO.

Palavras-chave: deficiência visual; cinema; narrativas.

INTRODUÇÃO

Eixo do projeto de pesquisa “O cinema e as narrativas de crianças e jovens em diferentes contextos educativos”, coordenado pela professora Dra. Adriana Hoffmann Fernandes, a pesquisa aqui apresentada é feita em parceria com a mestranda em educação Margareth de Oliveira Olegário. Como afirma Duarte (2002), assistir a filmes é uma prática social tão importante para a formação cultural e educacional das pessoas quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, científicas entre outras. Desta forma, podemos encarar o cinema como uma das expressões básicas da cultura, e os filmes como recursos interpretativos da realidade social. De acordo com Fernandes (2010) crianças e jovens constroem narrativas audiovisuais assim como consomem produtos culturais de estética audiovisual. Não se faz um grande desafio questionar-se acerca das narrativas construídas por jovens que não possuem acesso aos conteúdos visuais dos produtos audiovisuais. Entendemos que na contemporaneidade, é importante que a escola ofereça aos estudantes oportunidades de conhecer e aprender por meio das mais variadas linguagens disponíveis, dentre elas a audiovisual. De acordo com Franco (2010), através da áudio-descrição (descrição acústica de imagens visuais) os jovens deficientes visuais têm acesso ao conteúdo imagético das obras audiovisuais. Como afirmam Lima, Lima e Vieira (2009), o oferecimento da áudio-descrição relaciona-se com o oferecimento de condições de igualdade e oportunidade de acesso às informações aos deficientes visuais. Ainda de acordo com Franco (2010), as pesquisas sistemáticas que envolvam o tema da áudio-descrição, neste caso sobre a sua recepção, se fazem necessárias até mesmo para que sejam elaboradas as normas da áudio-descrição no Brasil, uma vez que este é um recurso recente no país. Sendo assim, cabe questionarmos de que forma o conteúdo áudio-descrito é recebido pelos estudantes, que conexões são feitas a partir do acesso ao mesmo, e, ainda, se por meio da áudio-descrição a linguagem audiovisual cumpre seu papel na contribuição para o desenvolvimento da compreensão crítica do mundo na formação do estudante.

OBJETIVO

Constituem-se como objetivos da presente pesquisa a reflexão sobre as relações que os estudantes com deficiência total (cegos) ou com baixa visão estabelecerão com as imagens e sons em ação, a partir dos filmes que assistem na escola investigada, a reflexão sobre o cinema dentro da prática social sendo artefato cultural da aprendizagem de jovens com deficiência visual e a análise das narrativas dos jovens deficientes visuais a partir dos filmes exibidos.

METODOLOGIA

A investigação está sendo conduzida sob o paradigma da pesquisa-intervenção. De acordo com Castro (2008), todo dispositivo de pesquisa acaba por transformar o que se deseja pesquisar, fazendo com que nenhuma pesquisa deixe de ser também uma intervenção. Assim, acreditamos que não há como dissociarmos a pesquisa da intervenção, assumindo, assim, que mesmo o objetivo primeiro da pesquisa sendo o de investigação, não podemos negar que há um caráter formativo na proposição da mesma. A princípio, 20 jovens estudantes do Instituto Benjamin Constant (instituição especializada na educação de deficientes visuais) foram submetidos a um questionário de consumo cultural, a fim de apurar as experiências que possuem em relação aos filmes e se já tiveram contato com o recurso da áudio-descrição. O questionário, composto de oito perguntas, buscou saber: nome, idade, bairro em que residem, regime em que são matriculados no IBC (internato ou externato), dispositivos em que assistem filmes, tipos de filmes que gostam e costumam assistir e se já assistiram a filmes com o recurso da áudio-descrição. Percebemos nos questionários aplicados que poucos são os que costumam assistir a filmes. Os que disseram ter contato com filmes, afirmaram que assistem mais na televisão do que em outros meios e em geral, na companhia dos pais. Este fato, possivelmente, se deve ao fato destes poderem explicar a eles o que acontece nas imagens que não veem. Por esse motivo, a áudio-descrição é crucial neste trabalho, pois promove o acesso ao conteúdo imagético gerando alguma independência desses jovens nesse acesso. A áudio-descrição, conforme Motta, “É a arte de transformar aquilo que é visto no que é ouvido, o que abre muitas janelas para o mundo para as pessoas com deficiência visual.” (2008 – online). Inicialmente foi feita uma sessão de filmes sem áudio-descrição, sucedida por debate registrado em diário de campo. Foi percebida, após essa sessão inicial, a dificuldade de concentração, de escuta e entendimento do filme em uma sala de aula normal sem acústica para a exibição com esses estudantes. Como estratégia realizamos dentro do grupo de pesquisa CineNarrativas, da UNIRIO, coordenado pela Professora Dra. Adriana Hoffmann, uma sessão de filmes com e sem áudio-descrição para perceber o papel da mesma para quem não pode enxergá-los. Tal experiência demonstrou a necessidade da áudio-descrição para a compreensão do conteúdo imagético dos filmes pelas pessoas cegas ou com baixa visão. Assim, prosseguimos na pesquisa com a exibição de alguns filmes com debate no IBC – a partir de então apenas curtas com áudio-descrição. Como encontramos poucos filmes com este recurso, optamos por exibir curtas em sua maioria áudio-descritos pela comissão de áudio-descrição do IBC da qual a mestranda Margareth faz parte como consultora. Essa escolha deve-se também ao fato de termos percebido, através dos questionários, o pouco contato que possuem com o conteúdo fílmico sendo por este motivo escolhidos filmes com curta duração facilitando esse contato dos jovens pesquisados com os filmes. Os curtas exigem uma breve concentração tanto para atentarem para a história do filme quanto para entenderem a mesma pela áudio-descrição.

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RESULTADOS

Por encontrar-se em estágio inicial, a pesquisa apresenta ainda poucos resultados conclusivos. Mas é possível resgatar dos diários de campo alguns elementos importantes para a reflexão e a continuidade da referida pesquisa. Barbero (2003) afirma que o saber hoje com as novas tecnologias é disperso e fragmentado, e escapa dos lugares que antes o continham e legitimavam e das figuras sociais que o detinham e o administravam. Sendo assim, a escola hoje não é mais o único espaço de aprendizagem e o livro o único detentor do conhecimento. O cinema – nesse contexto – aparece como mais uma possibilidade de disseminação de saberes. A pesquisa com o cinema na escola pode ampliar o acervo cultural desses jovens e as possibilidades de construir suas identidades atuando de forma mais cidadã na sociedade. Sem desconsiderar os pesos específicos das estruturas e condicionamentos sociais, Carrano (2011) considera que um dos princípios organizadores dos processos produtores das identidades contemporâneas dos jovens diz respeito ao fato dos sujeitos selecionarem as diferenças com as quais querem ser reconhecidos socialmente. Isso faz com que a identidade seja muito mais uma escolha do que uma imposição. Uma das mais importantes tarefas das instituições, hoje, seria a de contribuir para que os jovens pudessem realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos apenas como heranças familiares ou institucionais. Por conseguinte, entendemos que o cinema pode produzir sentidos mesmo em quem percebe o mundo sem a visão ocular. Sobre o estudo com o cinema no âmbito escolar, devemos levar em consideração o fato de o contexto influenciar na compreensão e na apropriação que os estudantes fazem dos filmes que veem. Como afirma Fantin (2006), o contexto institucional influirá no modo em que os estudantes irão consumir os filmes a eles apresentados. Não podemos ignorar que as sessões são feitas em grupo, e que há debates incentivados por nós em que os estudantes expõem seus pensamentos, e, conjuntamente constroem significados para os filmes exibidos, construindo também, assim, facetas de suas identidades. Nas poucas sessões exibidas, os estudantes mostraram, ao falar sobre o que entenderam sobre os filmes, trazer alguns dos elementos fílmicos para a sua vivência, em diversos momentos colocando-se no lugar dos personagens e vice-versa. Alguns estudantes transpuseram fatos dos filmes para a sua realidade. Outros demonstram, também, uma certa estranheza com o material áudio-descrito, demonstrando dificuldade de compreensão e explicitando que muitas vezes consideram a narração confusa.

CONCLUSÃO

Pelo já exposto, é perceptível que ainda há pesquisa a se fazer, e ainda há pontos a serem investigados mais profundamente. Com o pouco contato já foi possível perceber que os estudantes investigados têm pouco acesso ao cinema, e menos ainda ao recurso da áudio-descrição. Foi possível perceber também, que mesmo com o pouco acesso que tiveram até o momento, compreendendo o conteúdo dos filmes apresentados, facilmente constroem narrativas em que incluem elementos fílmicos e elementos de sua vida cotidiana. Ainda há muito a ser desvendado e estudado, e, a continuidade da pesquisa faz-se necessária para que possamos chegar a conclusões mais sólidas.

REFERÊNCIAS

- BARBERO, Jesús Martín. Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades. Revista Iberoamericana de Educación, [s.l.], n. 32, maio-ago. 2003.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. In Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/Carrano_Carlos_Henrique_A_escola_diante_das_culturas_juvenis.pdf>. Acesso em abr./2014.
- CASTRO, L.R. de. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: Castro, L. R. de & Besset, V. L. (orgs.). Pesquisa-intervenção na infância e juventude (pp. 21-42). Rio de Janeiro: NAU, 2008.
- DUARTE, R. M. Cinema e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FANTIN, Monica. Mídia-educação, cinema e produção de audiovisual na escola. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0652-1.pdf>>. Acesso em abr./2014.
- FERNANDES, A. H. O Cinema e a narrativa de crianças e jovens: reflexões iniciais. Revista Contemporânea de Educação, v. 10, p. 49-64, 2010.
- FRANCO, E. P. C. A importância da pesquisa acadêmica para o estabelecimento de normas da audiodescrição no Brasil. Revista Brasileira de Tradução Visual, Vol. 3, 2010.
- LIMA, F. J. ; LIMA, R. A. F. ; VIEIRA, P. A. M. O Traço de União da Áudio-descrição Versos e Controvérsias. Revista Brasileira de Tradução Visual, Vol. 1, No. 1, 2009.
- MOTTA, Livia Maria Villela de Mello. Audiodescrição – recurso de acessibilidade para a inclusão cultural das pessoas com deficiência visual. 2008. Disponível em <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1210>>. Acesso em abr./2014.